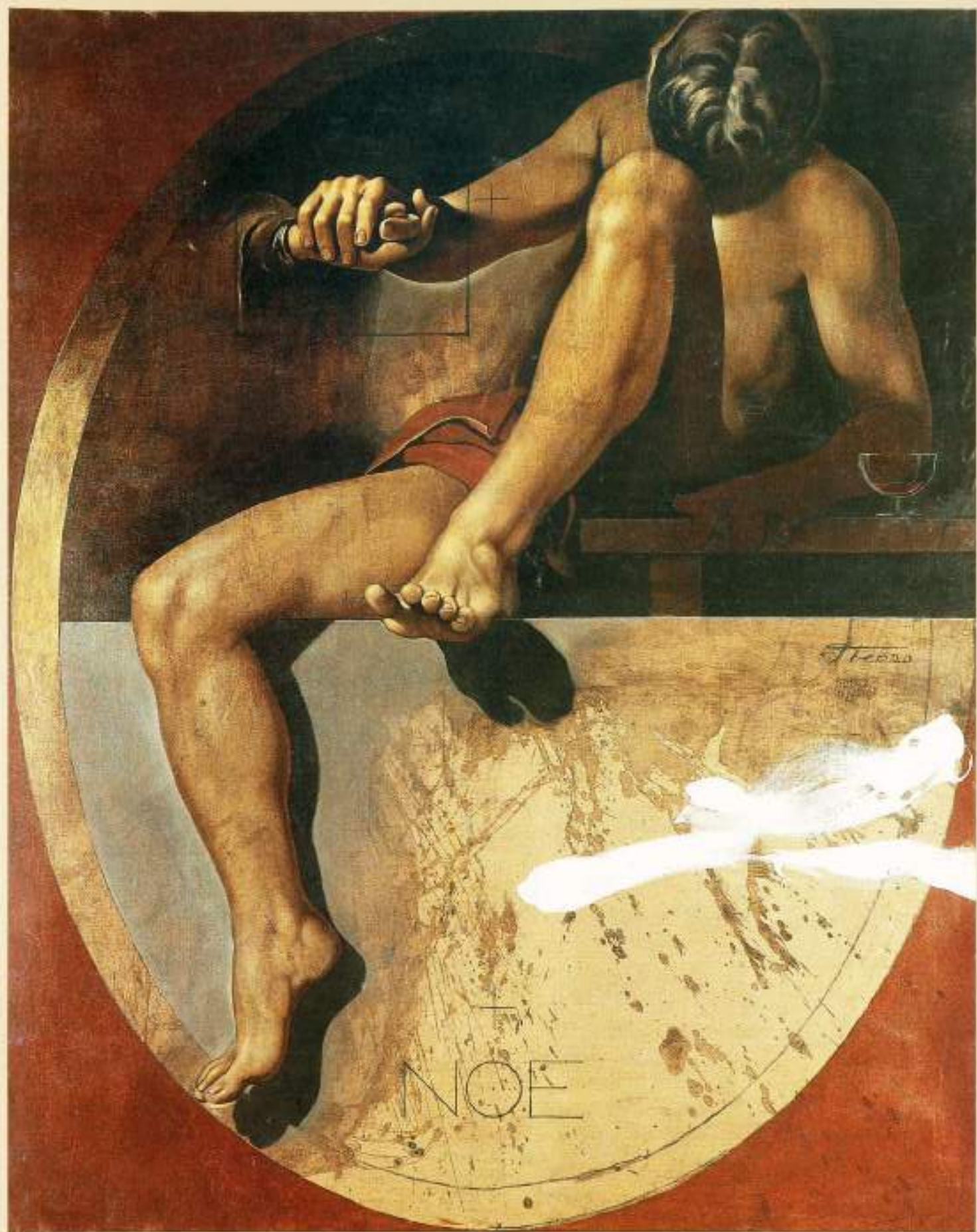




SÉRGIO FERRO

SÉRGIO FERRO

•
exposição

de 17 de setembro, às 21 horas, a 8 de outubro de 1991

•
São Paulo

GALERIA DE ARTE SÃO PAULO
Rua Estados Unidos 1456 - Tel.: 852.8855

SÉRGIO FERRO

OU

O VERSO E O REVERSO

DA

PINTURA

GILLES LIPOVETSKY

Quando em meados dos anos setenta Sérgio Ferro encontra a expressão de seu estilo, a febre vanguardista domina a cena artística, o Hiperrealismo e a nova Figuração causam sensação.

O que o pintor brasileiro expõe então, pertuba a estética do momento, uma orientação inédita, um novo espírito está presente em seus quadros, impedindo sua identificação com a lógica triunfante da arte de vanguarda. Ao exílio político do artista, durante um certo tempo, junta-se um relativo exílio artístico.

O que nos surpreende à primeira vista nesta obra é a sua íntima convivência do gosto clássico, com a retórica ilusionista da tradição artística. No polo oposto do espaço vanguardista vemos quadros que respeitam a estética barroca, corpos em relevo, "chiari oscuri", nús acadêmicos, posturas patéticas, bustos modelados e crucificados, mãos e gestos de Madona. A pintura de Ferro compõe um hino aos grandes mestres, a Velasquez, Tintoretto, sobretudo a Michelângelo. Cada quadro relembra outros quadros, toda forma é um eco abafado do passado glorioso do museu imaginário, tendo o século XVI como referência preferida. Somos todos discípulos, as obras só podem ser reminiscências esfumaçadas, variações empobrecidas, anedóticas, kitsch da tradição lírica imortal.

Essa conclusão não tem nada de desesperador, ela define o ponto de partida. A obra pictórica é inseparável de um trabalho de reciclagem histórica de retrospecção, de rememoração.

Quando a arte moderna destruiu tudo, resta-nos revisitar a história da pintura. Quando a insolência modernista se exaure, resta a modéstia da memória e o trabalho aleatório da citação.

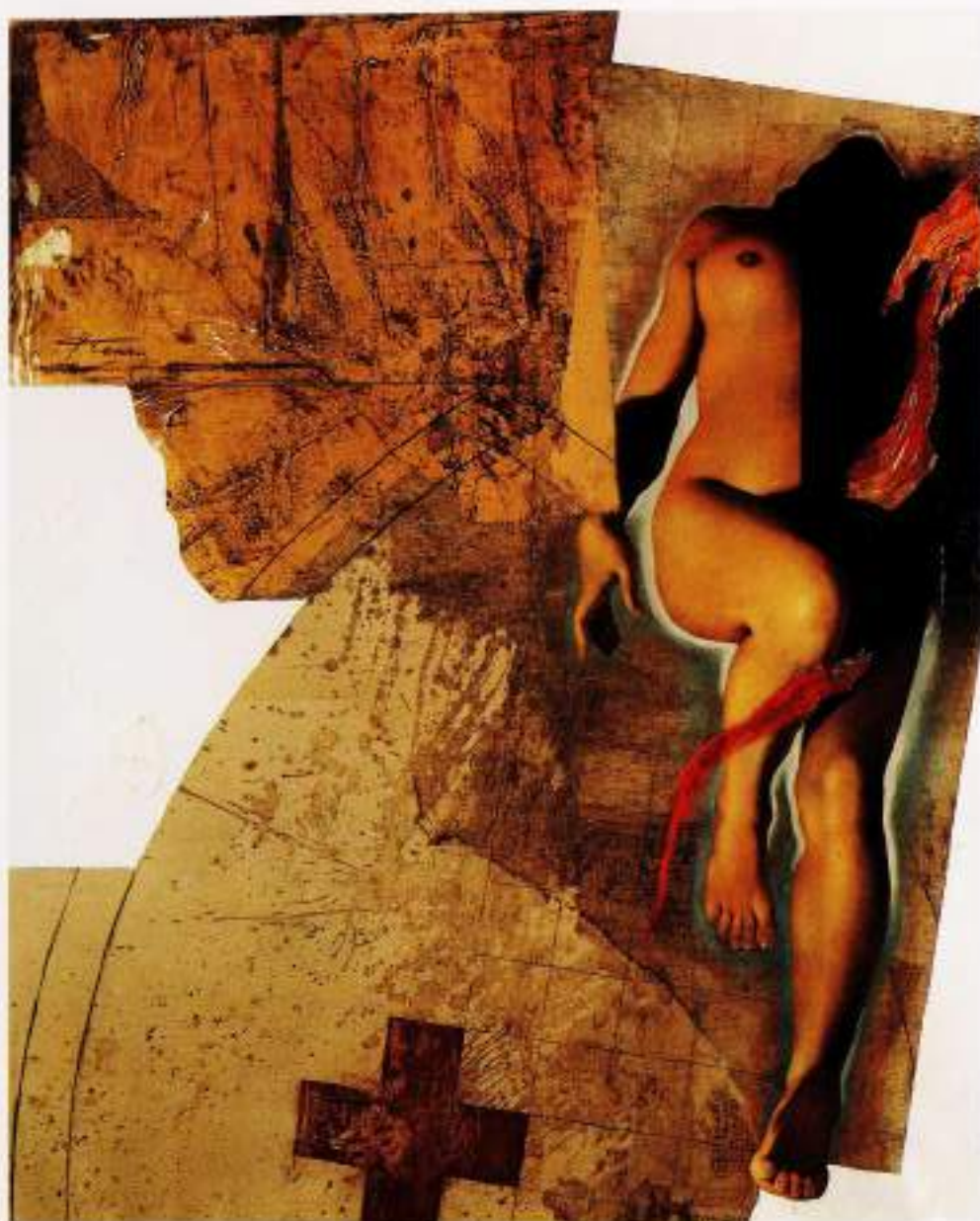
Sem grandes alardes, Ferro contribuiu para moldar uma corrente estética, de citações artísticas. Ele antecipou uma sensibilidade pós-moderna. Ferro não é um pintor na moda. É a moda que veio ao seu encontro.

Contudo, o espírito da arte moderna de forma alguma abandonou essas obras que por um lado seguem o caminho traçado pelos grandes mestres do final do século passado e as vanguardas do século XX. Em que pese sua ligação com a sedução ilusionista Ferro não cessa de diluir as formas de quebrar o espaço e a perspectiva procurando fazer com que apareçam os materiais, os artifícios, o próprio trabalho da pintura. Ele não reconstitui uma cena imaginária, ele desmonta o mecanismo, o suporte torna-se visível, a moldura desestruturara, a tela recortada, furada, costurada, elementos reais estranhos à pintura (madeira, papel, tecido) introduzem uma materialidade densa, capaz de quebrar a fantasia fantasmagórica ou narrativa. As linhas voluptuosas esbarram em traços violentos, o castanho suave é cortado pelo vermelho sangue, os homens "Michelangescos" usam chapéus modernos. Os primeiros planos maneiristas realçam fundos com tratamentos neutros e destacam-se dos dripping ou toques à maneira de Van Gogh. Ferro é um pintor, Brechtiano, ele quer impedir a ilusão do expectador. Incansavelmente ele exhibe o maquinário que é a pintura, seu processo de produção, sua cenografia, sua materialidade profana. O lirismo da perspectiva convive com o "non finito", a execução perfeccionista com o esboço: pintar é desmontar o teatro da pintura. O EU será pois proclamado odioso. Ao contrário dos corpos, rostos e olhares, são muito raramente representados, eles desaparecem em esboços e desvanecem em sombras secretas. A humildade ou a timidez do pintor recusa fixar o rosto sempre sobrecarregando de subjetividade. A pintura não tem nada a ver com a expressão dos sentimentos pessoais e a profundidade da alma, mesmo que seja do artista. Ela não é senão um trabalho anônimo encarregado de encenar o verso e reverso do mundo da representação pictórica. A arte une a personalidade do estilo à impessoalidade voluntária do pintor. A ambivalência está no âmago



"St. Sebastien Blesse" - 1991 - acrilica s/teia - 162 x 128 cm.

dessa pintura. Enquanto seu vanguardismo é contestado pelo amor à tradição, seu pós-modernismo rejeita a celebração do instante, os jogos inconsequentes da teatralidade ironica e das livres associações. As obras de Ferro não compactuam com a sensibilidade reconciliadora pós-moderna, elas são marcadas pela dor. O trágico se expressa seja através de um simbolismo explícito (crucificação, membros atados, posturas, cor do sangue) seja pelas formas inacabadas, barradas, riscadas. Violência da vida? Terror político? Ainda que Ferro negue a idéia de uma pintura "engajada" e não denuncie nenhuma ideologia particular, é difícil afastar totalmente a impressão de uma profunda mágoa, de uma dor cruciante existencial e histórica. A vida é despedaçada como o é a pintura neste final de século. Esta, firma-se totalmente sobre o prazer sensorial sobre o jogo e a sedução das formas. Ao mesmo tempo não podemos nos deixar envolver ingenuamente, o ilusionismo tornou-se impossível. O primeiro nível pertence à outra era, a magia da profundidade está proibida, somos condenados à lucidez do distanciamento e destinados a mostrar os sinais da sedução plástica sem jamais nos entregarmos totalmente. Aqui tudo é prazer e artifício das formas, aqui tudo é desencanto.



"La Tentation de Ste. Antoine (II)" - 1991 - acrílica s/tela - 161 x 129 cm



"La Tentation de Ste. Antoine (I)" - 1981 - acrílica s'tela - 121 x 195 cm



"St. Pierre" - 1991 - acrilica s/tela - 127 x 193 cm



"Baroque II" - 1990 - acrílica s/tela - 146 x 113 cm



"Baroque V - St. Mathieu" - 1991 - acrílica s/ tela - 129 x 97 cm



"4^{ème} Pas de La Passion" - 1991 - acrílica s/tela - 129 x 195 cm



'Orphee et Eurydice' - 1991 - acrílica s'tela - 161 x 129cm

SÉRGIO FERRO - 1938/Brasil

- 1962 - Diplomado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo
- 1965 - Pós-graduação em Museologia e Evolução Urbana
- 1966 - Especialização em Semiologia

Principais Exposições

- 1963 - Galeria São Luiz - São Paulo - Brasil
 - Galeria Teatro de Arena - São Paulo - Brasil
- 1965 - Galeria Mobilinea - São Paulo - Brasil
 - Museu de Arte Moderna do Rio Grande do Sul - Brasil
- 1973 - Galeria Fernando Milan - São Paulo - Brasil
- 1974 - Galeria ZHTA-MI - Thessalonique - Grécia
- 1975 - Museu de Grenoble - França
- 1976 - Galeria Fernando Milan - São Paulo - Brasil
 - "Vingt Acquisitions" - Museu de Grenoble - França
 - "FIAC - GRAND PALAIS" - Paris - França
- 1977 - Galeria La Tete de L'Art - Grenoble - França
- 1978 - Galeria La Tete de L'Art - Grenoble - França
- 1979 - Galeria Murs Ouverts - Vence - França
 - "Volta a Figura" - Museu Lasar Segall - São Paulo - Brasil
 - "Expo 79" - Museu de Grenoble - França
- 1980 - Galeria Saint-Guillaume - Paris - França
- 1981 - Museu de Arte de São Paulo - Brasil
- 1982 - Atelier J.Y.Noblet - Grenoble - França
 - Castelo de la Condamine Corenc - França
 - "Stockholm International Art Expo" - Suécia
- 1983 - "10 Annees D'Acquisitions" - Museu de Grenoble - França
- 1984 - Petite Galerie - Rio de Janeiro - Brasil
 - Rio Design Center - Rio de Janeiro - Brasil
- 1985 - Galeria d'Art Contemporain - Le Touquet - França
 - Galeria de Arte São Paulo - São Paulo - Brasil
 - "1960-1985: Autour de la Figuration Narrative" - Museu de Valence - FRAC - Rhone-Alpes - França

- 1986 - Galeria J.Y.Noblet - Paris - França
 - "Les Figurations" - Museu d'Art Contemporain de Dunkerque - França
- 1987 - Galeria de Arte São Paulo - São Paulo - Brasil
 - "LINEART" - Feira de Arte Internacional - Gand - Bélgica
- 1988 - Galeria d'Art Contemporain - Le Touquet - França
 - Galeria L'Entree des Artistes - Barbizon - França
- 1988 - "Os Anos 60" - Museu de Arte Contemporânea - São Paulo - Brasil
- 1989 - Galeria Contrast - Lille - França
 - Museu de Arte de São Paulo - Brasil
 - Galeria Contrast - Bruxelas - Bélgica
 - Museu de La Passion - Dunkerque - França
 - Museu d'Art de Taiwan - Coreia
- 1990 - Galeria J.P.Carlier - Le Touquet - França
 - Galeria L'Entree des Artistes - Barbizon - França
 - Galeria Contrast - Lille - França
 - ARTEXPO - New York - Estados Unidos
- 1991 - Galeria Contrast - Metz - França
 - Galeria Contrast - Bruxelas - Bélgica
 - Galeria Du Carne Rouen - França
 - Galeria Contrast - Lille - França
 - Galeria Mann - Paris - França
 - Galeria de Arte São Paulo - São Paulo - Brasil
 - Coletiva "Memoires de la Liberté" - Centre George Pompidou (Paris)/New York/Tokio/Amsterdam/ Coreia/Itália/Bélgica/Tcheco-Eslováquia

Obras nas seguintes Museus:

- Museu de Arte Moderno Paraguai
- Museu de Arte de São Paulo
- Pinacoteca do Estado de São Paulo
- Museu de Thessalonique
- Museu de Olinda - Brasil
- Museu de Arte Contemporânea de São Paulo
- Frac Rhone - Alpes
- Musée de la Passion - Dunkerque - França

Coordenação: Galeria de Arte São Paulo

Texto: Gilles Lipovetsky

Tradução: Gêlia Mendonça

Projeto Gráfico: Maria Helena Pereira da Silva

Produção Gráfica: Área Editorial Lda.

Diagramas: Bernardo Paldini

Finalidade: Imprensa: Laserprint Editorial Lda.

Título da Capa: "L'Intruse de Noël" - 1991 - acrílica sobre tela - 162 x 129 cm

Título da Contracapa: "St.Jean à Pathmos" - 1991 - acrílica sobre tela - 161 x 129 cm

Tiragem: 1.300 exemplares

